

**GUIA CULTURAL
DOS EQUIPAMENTOS**

DA

**FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO, TELECOMUNICAÇÕES E
CULTURA EGBERTO TAVARES COSTA**

**FEIRA DE SANTANA/BA
2020**

“O valor das coisas não está no tempo em que duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”. – Fernando Pessoa

Aos familiares, amigos e à
geração futura, para guardar a
memória destas personalidades
homenageadas

SUMÁRIO

Apresentação

01. Ângela Maria Queiroz de Oliveira
02. Antônio Gonçalves Sobral – “Nelson Gonçalves”
03. Arnold Ferreira da Silva
04. Claudemiro Daltro Barreto – “Maestro Miro”
05. Dival da Silva Pitombo
06. Egberto Tavares Costa
07. Manoel Pereira Pimenta
08. Maria Quitéria de Jesus
09. Maria Margarida Ribeiro Santos
10. Raimundo Falcão de Oliveira
11. Raquel de Freitas Araújo

Anexos

APRESENTAÇÃO

Imortalizar a memória de pessoas que contribuíram com o seu trabalho, seu testemunho de vida e colaboração no desenvolvimento de uma cidade é não só valorizar a sua pessoa, como cidadão (ã), e, também fazer jus aos seus feitos, para que sejam um referencial às gerações futuras.

Este Guia Cultural é fruto de uma iniciativa da FUNTITEC, registrando as biografias dos (das) patronos (as) que nomeiam os equipamentos, que a compõem em Feira de Santana.

É de suma importância este registro, pois servirá de memorial para a sociedade feirense, como também para os visitantes serem informados da sua história e quem foi a personalidade patronímica.

Achamos por bem constar a história da criação da instituição, postar a foto do biografado e registro da sua vida.

Nas pesquisas encontramos documentos que irão engrandecer a obra como: discursos, notícias de jornais, decretos, fotos, placas, etc.

Queremos agradecer à Prefeitura de Feira de Santana, no período governamental de 2018/2020, à FUNTITEC, gestão 2013/2020, pela elaboração do projeto.

Queremos ressaltar a colaboração e o apoio dos membros da Comissão Permanente, os quais não mediram esforços, a fim de angariar, catalogar e registrar os dados necessários para a construção deste documentário.

Esta obra, certamente será um referencial para os pesquisadores, estudiosos e interessados em conhecer de perto a história dos equipamentos da comunidade feirense.

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira– Presidente

Basílio Fernandez e Fernandez

Luiz Augusto Oliveira

Ailton Pitombo

TEATRO DO MAESTRO MIRO

Situado na Rua Itacarambi, s/n – Muchila

Inaugurado, no dia 05 de março de 2004, pelo Prefeito José Ronaldo de Carvalho; Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Dr. Antônio Alcione da Silva Cedraz. Sua primeira diretora foi a produtora cultural Maria de Lourdes Guimarães Barreto “Luluda Barreto”. Atualmente, dirigido pelo Eng^o Luiz Augusto de Oliveira.

Localizado nas dependências do Centro Cultural Maestro Miro; integrado à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC (2013/2020).

ÂNGELA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA



Ângela Maria Queiroz de Oliveira nasceu em Feira de Santana, em 17 de julho de 1953, filha do médico Dr. Herval Monteiro de Oliveira e da Professora Junília Queiroz de Oliveira, conhecida carinhosamente por “Eli”.

Estudou o curso primário e o ginásio no Colégio Padre Ovídio, dirigido pelas Freiras Sacramentinas, em Feira de Santana.

Desde cedo se mostrou muito interessada pela leitura, pela música e pelas artes cênicas. Com seu irmão Luiz Augusto, montavam peças de teatro e números de circo, para uma plateia formada de amigos e familiares.

Em 1962, iniciou seus estudos artísticos no Seminário de Música, que iniciava suas atividades em Feira de Santana, onde estudou piano e canto coral, tendo participado de corais e recitais.

Em 1968, Ângela foi residir em Salvador, pois havia sido aprovada no Colégio de Aplicação, que na época era de difícil acesso, devido ao rigor exigido dos seus postulantes para cursar o 2º Grau. Lá se interessou pela Dança e em 1971, foi aprovada no vestibular de Dança da UFBA. Em 1972, a convite da diretora da Escola de Dança, Laís Gomes e do coreógrafo americano, Cleyde Morgan, ingressou no Grupo de Dança Contemporânea da UFBA.

É desta época que se realizou a primeira apresentação de Dança assistida em Feira de Santana, no Ginásio Péricles Valadares, do Feira Tênis Clube.

Em 1972, Ângela começa a dar aulas em Feira de Santana a um grupo de amigas e às primas: Ileana e Valentina Queiroz. Era o início da Earte, surgindo a Escolinha de Arte Criativa e Ballet, no fundo do quintal, da residência dos pais, na Rua Castro Alves, 792. Feira de Santana era então uma cidade de 190.076 habitantes. No início poucos acreditaram, mas ela tinha um ideal e persistiu e assim criou a segunda academia de dança da Bahia e a primeira de Feira de Santana.

Em 1974, Ângela partiu para a Europa, a fim de conhecer outros mundos e culturas em torno da arte. Em Lisboa fez cursos de Dança na Fundação Calouste Gulbenkian e no Conservatório Nacional de Dança. Esteve ainda na Espanha, França, Suíça, Noruega, pesquisando as diversas formas da dança, sua grande paixão. Posteriormente, viajou para o Japão, Estados Unidos e Canadá, realizando uma volta ao mundo, e só então retornando às suas origens, Feira de Santana.

Após seu retorno passou a disseminar os conhecimentos que adquiriu. Realizou trabalhos de educação alimentar para a população; implantou em sua Escolinha de Dança cursos de Dança Criativa, Ballet Clássico, Iniciação Musical, Eurritmia, Oki Yoga, Curso Preparatório para Vestibular de Dança, História da Dança, noções básicas de Massagem Shiatsu, Forma, Espaço, etc.

Em 1980, juntamente com seu irmão, o Eng^o Luiz Augusto, construiu a atual sede da Earte, situada à Rua Juracy Magalhães, 792 - Ponto Central.

Ângela Oliveira teve sua vida toda dedicada à arte de dançar. Seu maior sonho era realizar um trabalho voltado para a melhoria da qualidade da Educação e da Cultura em Feira de Santana. Este ideal fez com que ela desse um giro ao mundo, acompanhando os passos

da dança moderna, do ballet clássico, do jazz e tudo que surgia nesta área na década de 70.

Ângela viveu tão intensamente, que acabou vivendo pouco. No dia anterior ao acidente de automóvel, ela escreveu: “*O que importa é que a semente foi lançada! Nestes doze anos de atividades, centenas de crianças, jovens e adultos, captaram a mensagem da beleza, harmonia e liberdade que tentamos espalhar. Um pouco da EARTE está dentro das pessoas que de alguma forma a ela relacionaram*”. Era o dia, 22 de outubro de 1983. Um pensamento como se estivesse despedindo do seu próprio mundo e das pessoas que foram incentivadas por ela por amor à arte.

Desapareceu precocemente em um trágico acidente de carro num domingo à tarde, 23 de outubro de 1983, juntamente com seu marido e companheiro, Júlio Tácio Pinto Lopes.

Com a sua falta seu irmão Luiz Augusto Oliveira deu continuidade ao trabalho da EarTE, ampliando sua abrangência, trazendo à Feira de Santana dançarinos famosos como: Ana Botafogo, Carlinhos de Jesus, o Ballet do Teatro Castro Alves, a representante da Royal Academy of London, Miss Bonnie de Beer, passando a realizar eventos e projetos culturais, principalmente pelo Faz Cultura.

Também sua sobrinha Manuella Oliveira tem participação importante nesta trajetória, pois assumiu a direção artística da EarTE, dando prosseguimento ao trabalho da Dança, iniciado por Ângela.

Tudo isto se deve ao pioneirismo de sua fundadora, Ângela Oliveira. Seu trabalho frutificou, constituindo-se até hoje em uma importante referência artística e cultural na cidade de Feira de Santana.

Recebeu as seguintes homenagens “post mortem”: em 2004, o Shopping Iguatemi, lançou a campanha “Nomes da Cidade”, escolhendo 20 personalidades feirenses, que fizeram história em Feira. Ângela passou a nominar uma das principais Alamedas do atual Shopping Boulevard.

Também em 2004, foi lembrada e homenageada pelo Prefeito José Ronaldo de Carvalho que nomeou o teatro do Centro de Cultura Maestro Miro com o seu nome chamando-se Ângela Oliveira.

A Câmara Municipal de Feira de Santana denominou duas ruas na cidade, uma conforme Lei nº 1583, de 26 de agosto de 1992, que altera a denominação de via pública que denominava de Rua dos Pássaros, passa a ser denominada de Rua Ângela Maria Queiroz de Oliveira, situada no bairro Muchila, sancionada pelo Prefeito de Feira

de Santana, Dr. Colbert Martins da Silva, indicação do Vereador José da Costa Falcão Junior e outra sob a Lei nº 931, de 29 de novembro de 1983, denomina a Rua Ângela Oliveira, atual Rua da Concórdia, entre os bairros da Queimadinha, Cel. José Pinto, Rocinha e Lagoa Grande, ligando a Rua Intendente Ábdon à Avenida Dr. Eduardo Fróes da Mota, sancionada pelo Prefeito José Falcão da Silva, de autoria do Vereador Celso Ribeiro Daltro.

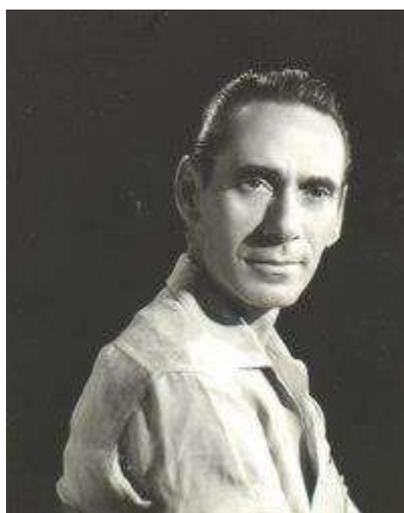
MEMORIAL DO CANTOR NELSON GONÇALVES

Localizado nas dependências do Centro Cultural Maestro Miro

Situado na Rua Itacarambi, s/n – Muchila

Inaugurado, no dia 31 de agosto de 2019, gestão (2018/2020); Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Edson Felloni Borges integrado à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, (2013/2020). Seu acervo foi doado pelo Sr. Diógenes de Carvalho Nunes, o qual cognominado “Fã Número Um” pelo próprio filho do cantor. Foi comemorado o Centenário do cantor, no dia 19 de junho de 2019 e o Sr. Diógenes foi homenageado com uma placa de agradecimento pela generosidade da doação do acervo composto de: coleção de discos de vinil, de 78 rotações, álbuns fotográficos, álbuns de recortes de jornais, pôsteres, álbuns de discos, CDs, DVDs, livros, inclusive a maioria das peças autografadas pelo cantor. Além do mais compõe o Memorial com peças antigas de: rádios, radiolas, gramofone, relógios, TVs desde a de 10 polegadas, troféus, medalhas, etc.

ANTÔNIO GONÇALVES SOBRAL (NELSON GONÇALVES)



Nasceu em Santana do Livramento/RS, no dia 21 de junho de 1919.

Nasceu e passou parte da infância no interior do Rio Grande do Sul. Aos sete anos mudou-se com seus pais para São Paulo. Estavam em busca de melhores condições de vida e foram viver em

uma casa alugada no bairro do Brás. Nesta época, passou a ajudar seu pai no sustento do lar, quando passou a ser levado por ele para praças e feiras, onde, enquanto seu pai tocava violino, Nelson cantava, agradando os transeuntes e ganhando gorjetas. Para sustentar a família, seu pai também vendia frutas na feira e fazia serviços de pedreiro.

Sua família era muito humilde e por isto, Nelson teve que abandonar os estudos no início de sua adolescência, para ajudar de fato o pai a sustentar o lar.

Trabalhou como jornaleiro, mecânico, engraxate, polidor e tamanqueiro. Querendo ganhar mais dinheiro e seguir uma profissão, se inscreveu em concursos de luta e venceu, tornando-se lutador de boxe na categoria peso-médio, recebendo, aos dezesseis anos de idade, o título de campeão paulista de luta. Após o prêmio, só ficou mais um ano lutando, pois queria investir em seu sonho de infância: Ser artista.

Mesmo com o apelido de "Metralha", por causa da gagueira, tomou coragem e não se deixou levar pelos preconceitos e decidiu ser cantor, após deixar os ringues de luta. Em uma de suas primeiras bandas, teve como baterista Joaquim Silva Torres. Foi reprovado duas vezes no programa de calouros de Aurélio Campos. Finalmente foi admitido na Rádio PRA-5, mas dispensado logo depois, passando a trabalhar como pedreiro.

Na época, em 1939, aos 20 anos, casou-se com sua noiva, Elvira Molla, paulistana de família de operários, descendente de italianos. Com Elvira teve um casal de filhos: Marilene Molla Gonçalves e Nelson Antônio Molla Gonçalves. Ficou desempregado após o nascimento dos filhos e após alguns dias procurando, começou a trabalhar como garçom no bar de seu único irmão, na Avenida São João.

Nesse mesmo ano, em busca de uma vida melhor, partiu com a esposa e os filhos para o Rio de Janeiro, onde trilhou mais uma vez o caminho dos programas de calouros, se apresentando em diversas emissoras. Foi reprovado novamente na maioria deles, inclusive no de Ary Barroso, que o aconselhou a desistir, e, mesmo muito desolado, não desistiria fácil do seu sonho de ser cantor. Nelson voltou a trabalhar como garçom em bares do Rio de Janeiro para sustentar a casa. Para ajudar nas despesas da família, que vivia no subúrbio carioca, sua esposa começou a trabalhar em casa como costureira.

Em 1941, nas horas vagas, começou a cantar por conta própria em bares, conseguindo gorjetas. Voltou a tentar se apresentar em programas de calouro, sendo enfim aprovado. Foi chamado para gravar um disco de 78 rotações, que foi bem recebido pelo público. Passou a *crooner* do Cassino Copacabana (do Hotel Copacabana Palace) e assinou contrato com a Rádio Mayrink Veiga, iniciando uma carreira de ídolo do rádio nas décadas de 40 e 50, da escola dos grandes, discípulo de Orlando Silva e Francisco Alves.

Alguns de seus grandes sucessos dos anos 40 foram: *Maria Bethânia* (Capiba), *Normalista* (Benedito Lacerda / Davi Nasser), *Caminheiros* (Herivelto Martins), *Renúncia* (Roberto Martins / Mário Rossi) e muitos outros. Maiores ainda foram os êxitos na década de 50, que incluem *Última Seresta* (Adelino Moreira / Sebastião Santana), *Meu Vício É Você* e a emblemática *A Volta do Boêmio* (ambas de Adelino Moreira).

No final dos anos 40, seu casamento com Elvira estava abalado, por muitas brigas conjugais por conta dos ciúmes de Elvira devido às traições de Nelson. Em uma turnê por Minas Gerais, Néelson conheceu Maria, uma fã, que se declarou apaixonada por ele. Não resistindo à jovem, os dois passaram a ter um caso, e Néelson sempre ia visitá-la no interior de Minas. A moça engravidou, mas não revelou a Néelson, por medo da família saber que ela se envolveu com um homem casado, pois Maria sabia que Néelson jamais largaria a esposa para ficar com ela. Ele até poderia assumir o bebê, mas a família de Maria não aceitaria vê-la sendo mãe solteira. Assim, a jovem terminou o relacionamento e Néelson ficou sem entender por quê. Ela casou-se rapidamente com um homem mais velho, amigo de seu pai, que assumiu a criança, para preservar a honra da jovem. Néelson, então, já não mais feliz no casamento com Elvira, entrou com o pedido de divórcio, que foi dado pela esposa. Só em 1991, Néelson conheceu a filha que teve com a amante, Maria, mas esta já havia falecido. Após exame de DNA, comprovou-se que Lílian realmente era sua filha. Sendo assim, ele aceitou feliz essa nova filha, que conheceu seus meios-irmãos, sendo bem aceita por eles.

Na década de 50, além de shows em todo o Brasil, chegou a se apresentar em países como: Uruguai, Argentina e Estados Unidos, na Rádio City Music Hall.

Logo após seu divórcio, conheceu Lourdinha Bittencourt, substituta de Dalva de Oliveira, no Trio de Ouro. Os dois se apaixonaram e, após alguns anos de namoro, casaram-se em 1952. O casal passou os primeiros anos em lua-de-mel viajando pelo

mundo. Lourdinha era uma jovem extremamente vaidosa, e apesar de ser apenas quatro anos mais nova que o marido, se considerava jovem demais para ter filhos, e optou por não os ter, apesar da insistência do marido, que queria ser pai novamente. Apesar da felicidade no início do casamento, com os anos a união foi se deteriorando, e o casamento durou até 1959, quando Lourdinha pediu o divórcio, devido às traições de Néelson.

Após relacionamentos sem compromisso, em 1962 conheceu a empregada doméstica Maria Luiza da Silva, durante seu show. Ela era sua fã e foi pedir-lhe um autógrafo no camarim. Logo, ambos começaram a namorar. Após um ano de namoro, noivaram e em 1965 se casaram. O casal teve dois filhos: Ricardo da Silva Gonçalves e Maria das Graças da Silva Gonçalves. Em homenagem à filha, sua caçula tem seu apelido no refrão da música *Até 2001*. (É no gogo gugu).

Em pouco mais de três anos, o casamento passou por grandes tribulações, quando Néelson entrou em depressão, tentando o suicídio e pensando em desistir da carreira. Ele tornou-se alcoólatra e usuário de cocaína, tendo tido uma overdose que quase o matou em 1968. Usando drogas por mais de vinte anos, sua esposa se manteve ao seu lado até seu fim, e sempre lutou contra o vício de Néelson, que, apesar disso, foi preso em flagrante em 1966, por porte de drogas, e passou um mês na Casa de Detenção, o que lhe trouxe problemas pessoais e profissionais. Por todo esse tempo sua esposa o visitou no presídio, e juntava economias dela e do marido, que pagavam seu tratamento e seu advogado. Após sair da cadeia, iniciou tratamento psicoterápico e psiquiátrico, fazendo tratamento de desintoxicação, diminuindo aos poucos o uso de drogas, voltou a cantar, e lançou o disco *A Volta do Boêmio nº1*. Em 1973, conseguiu abandonar de vez seu vício, sempre com o apoio de sua mulher e de seus filhos. Totalmente recuperado, retomou sua carreira, cada vez mais bem-sucedida.

Mesmo com tantos problemas pessoais, continuou gravando regularmente nos anos 70, 80 e 90, reafirmado a posição entre os recordistas nacionais de vendas de discos. Além dos eternos antigos sucessos, Néelson Gonçalves sempre se manteve atento a novos compositores, e chegou a gravar canções de Ângela Rô Rô (*Simple Carinho*), Kid Abelha (*Nada por Mim*), Legião Urbana (*Ainda É Cedo*) e Lulu Santos (*Como uma Onda*). Gravou "A Deusa do Amor", que está no álbum *Nós*, em parceria com Lobão, em 1987, tocando com ele essa música no *Globo de Ouro*, em 1988.

Ganhador de um prêmio Nipper da RCA, dado aos que permanecem muito tempo na gravadora, sendo somente Elvis Presley o outro agraciado. Durante sua carreira, gravou mais de duas mil canções, 183 discos em 78 rpm, 128 álbuns, vendeu cerca de 75 milhões de discos, ganhou 38 discos de ouro e 20 de platina.

Faleceu em decorrência de um infarto agudo do miocárdio, no apartamento de sua filha Marilene, enquanto a visitava. Encontrase sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Discografia - Maiores sucessos

- Em 1941 - "Se Eu Pudesse um Dia".
- 1942 - "Dorme que Eu Volo por Ti", "Fingiu Que Não Me Viu", "Renúncia"
- 1943 - "Noite de Lua", "Quando a Saudade Vier", "Não Sou Feliz nos Amores", "A Saudade É um Compasso de Mais", "A Mulher do Seu José", "Solidão", "Perfeitamente"
- 1944 - "Sabiá de Mangueira", "Quase Louco", "Dos Meus Braços Tu Não Sairás" "Ela me Beijou"
- 1945 - "Eu Não Posso Viver Sem Mulher", "Aquela Mulher", "Meus Amores", "Maria Bethânia"
- 1946 - "Pelas Lágrimas", "Seus Olhos na Canção", "Segure no Meu Braço", "Quando é Noite de Lua", "Menina dos Olhos", "A Você", "Coração" "Espanhola"
- 1947 - "Dona Rosa" (com Isaura Garcia); "Segredo", "A Rainha do Mar", "Odalisca", "Princesa de Bagdá", "Perdoo, Sim", "Normalista", "Quando Voltares"
- 1949 - "Pepita"
- 1952 - "Confete Dourado"
- 1953 - "Camisola do Dia", "Meu Vício é Você"
- 1954 - "Carlos Gardel", "Francisco Alves"
- 1955 - "Último Desejo", "Esta Noite me Embriago", "Hoje Quem Paga Sou Eu"
- 1956 - "Nossa Senhora das Graças", "Por um Beijo de Amor", "Meu Vício é Você" "Natal Branco" (com o Trio de Ouro)
- 1957 - "A Volta do Boêmio", "Pensando em Ti", "História da Lapa" "Grilo Seresteiro"
- 1958 - "Escultura", "Pensando em Ti"
- 1959 - "Prece ao Sol", "Revolta", "Deusa do Asfalto"
- 1960 - "Meu Dilema", "Chore Comigo", "Queixas"
- 1961 - "Negue", "Fica Comigo Esta Noite"
- 1962 - "Dois Amores"
- 1963 - "Enigma"

BIBLIOTECA MUNICIPAL SEDE

Situada na Rua Geminiano Costa, nº 286 – Centro

A primeira Biblioteca Municipal de Feira de Santana foi fundada, no dia 16 de janeiro de 1890. Funcionava num casarão situado na atual Praça João Pedreira. Décadas depois foi deslocada para um espaço mais amplo na Rua Geminiano Costa, também no centro da cidade.

Através da Resolução da Câmara Municipal de Feira de Santana, publicada, em 4 de dezembro de 1961, foi denominada de Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva. O documento foi assinado na época pelo então presidente em exercício da Casa da Cidadania, Dr. Alberto Oliveira. O equipamento foi inaugurado em 26 de abril de 1966 pelo então prefeito Joselito Falcão de Amorim. Na época era vinculada à Secretaria Municipal de Educação, ocupando a pasta o Prof. Almiro de Almeida Vasconcelos. Sua primeira diretora foi a bibliotecária Iguatemi Souza Lima.

Hoje integrada à Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, através da Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, (2013/2020).

Em 2020, está sendo executada uma reforma estrutural no edifício que trará inúmeras melhorias. No projeto, consta ainda a instalação de um elevador, para garantir mais acessibilidade a todos os usuários do equipamento; a instalação de uma nova fachada; e outros itens que serão modernizados para benefício de todos.

ARNOLD FERREIRA DA SILVA



Nasceu em Feira de Santana, no dia 03 de agosto de 1894. Filho do Tenente da Guarda Nacional, Amâncio Ferreira da Silva e Vicência de Lima e Silva. cursou apenas o primário. Foi um autodidata.

Arnold foi um aprendiz de ourives, escrevente de Cartório e aos 14 anos, já secretariava o jornal “Folha do Norte, de propriedade da família. Iniciou a escrever crônicas com o título de “*Effigies*” depois para “Crônicas Feirenses”, usando o pseudônimo de Gil Moncorvo e finalmente manteve uma coluna denominada “*Vida Feirense*”, que registrava os assuntos mais importantes da cidade. Exerceu também o cargo de Diretor do Jornal Folha do Norte por muitos anos.

Arnold Silva fez seus primeiros estudos com professores particulares, ficava sabendo dos acontecimentos da cidade através das discussões em praças públicas, já que nessa época, as pessoas não tinham oportunidade de frequentar as escolas.

Arnold era amante dos livros, tendo constituído uma vasta biblioteca em seu lar.

Casou-se com Amanda de Barros Bahia Silva, que ficando viúvo casou-se com Maria Berenzia de Barros Bahia Silva, ambas filhas do então prefeito, Coronel Bernardino Bahia. Com Maria Berenzia teve apenas uma filha, Maria Luiza Bahia da Silva Pitombo, que se casou com o médico Dr. Waldir da Silva Pitombo, ambos falecidos.

Foi membro e presidente do Conselho Municipal, governando o município como Intendente, de janeiro de 1924 a dezembro de 1925.

Elegeu-se Prefeito de Feira de Santana pela primeira vez de 1926 a 1927, o mandato era de dois anos, permitindo a reeleição pela lei eleitoral, quando concluiu o prédio do Paço Municipal, para a qual obra emprestou dinheiro do seu próprio bolso, para concluí-la. Instalou a energia elétrica, movida por motor a óleo, de fabricação dinamarquesa, em 1926, pela Companhia Melhoramentos de Feira de Santana, com a ajuda do Dr. Simões Filho. Inaugurou a Escola Normal, em 16 de junho de 1927, para formação de professores primários, onde hoje funciona o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) e a Biblioteca Municipal, que leva o seu nome.

Em 1934, foi eleito Deputado Constituinte. Encerrados os trabalhos constituintes foi eleito Deputado Federal, que exerceu com brilhantismo até 1937.

Em 1958, é reeleito prefeito, quando realizou grandes obras públicas: Conclusão do Matadouro e Currais Modelo, onde adquiriu uma balança dos Estados Unidos para pesar o gado. Construiu várias escolas, calçamento de ruas, colocação do busto do Cel. Bernardino Bahia, na praça do mesmo

nome, inaugurou o Instituto de Educação de Menores, fundou o Hospital Colônia Lopes Rodrigues, a Estação de Avicultura e a Diocese de Feira de Santana.

Foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia nos anos compromissais de 1926, 1928 e 1929; presidente da Filarmônica 25 de Março; do Montepio dos Artistas; Gerente do Banco de Crédito Popular, Defensor nomeado para o Tribunal do Júri da Comarca com a finalidade de defender pessoas sem recursos.

Na Academia de Letras e Artes de Feira de Santana é patronímico da Cadeira nº 4, que foi ocupada por Joaquim Gouveia da Gama e depois do seu falecimento, hoje ocupada pela acadêmica Maria José Negrão dos Santos.

Afastou-se do cargo em 1962, por motivo de doença e faleceu no dia 08 de junho de 1965, aos 70 anos.

CENTRO DE CULTURA MAESTRO MIRO

Situada na Rua Itacarambi, s/n – Muchila

Inaugurado, no dia 05 de março de 2004, no governo de Dr. Paulo Ganem Souto, pelo Prefeito José Ronaldo de Carvalho; Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Dr. Antônio Alcione da Silva Cedraz, integrado à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, (2013/2020). Sua primeira diretora foi a produtora cultural Maria de Lourdes Guimarães Barreto “Luluda Barreto”, sendo hoje dirigido por Luiz Augusto de Oliveira.

CLAUDEMIRO DALTRO BARRETO (MAESTRO MIRO)



Nasceu em Boquim/SE, no dia 02 de agosto de 1918.

“Miro” como era conhecido pelo apelido hipocorístico, criado no ambiente familiar na sua infância, perdurando até a sua idade adulta, que por causa da profissão passou a ser chamado de “Maestro Miro”.

Desde criança “Miro” mostrou a aptidão para a arte musical. Foi um autodidata. Aprendeu a tocar vários instrumentos, mas o Trompete também conhecido como Pistão foi o que ele se aperfeiçoou.

Aportou em Feira de Santana ainda na adolescência. Iniciou suas atividades profissionais tocando às noites, principalmente nos cabarés, na época ambiente propício. Foi admitido no Feira Tênis Clube, local que adotou como berço das suas experiências musicais e que se dedicou a todas as atividades programadas pelo Clube,

onde teve o apoio e incentivo de Dr. Adessil Fernandes Guimarães, presidente na época. Organizava eventos, era uma espécie de “promoter”, assessorando todos os presidentes que por ali passaram.

Ingressou na Filarmônica 25 de Março, onde atuou até os seus últimos dias de vida. Com a sua dedicação passou a ser o maestro desta instituição.

Aliado às atividades da orquestra, compôs dobrados e músicas populares, que gravou um disco de vinil, marchinhas para Micareta como esta:

*“Hoje é o dia da Micareta
Do Feira Tênis Clube
É a melhor Micareta do sertão
A gente brinca e não dá confusão.
Brinca, brinca, brinca,
Até o sol raiar.
Brinca, brinca, brinca
No Tênis é de abafar. ”*

“Maestro Miro” deixou um legado imenso de suas composições. Escrevia e musicalizava marchinhas para as campanhas políticas de Dr. João Durval Carneiro, Dr. José Falcão da Silva, Dr. Colbert Martins e outros. Era apartidário, amigo de todos eles, mas respeitava toda as suas cores políticas.

Na Filarmônica 25 de Março teve momentos gloriosos como regente: quer em apresentações na cidade, em retretas, acompanhamentos de atos cívicos e religiosos e em outras cidades e estados, como a participação num concurso, realizado no Rio de Janeiro, na década de 70, representando a Bahia e a Filarmônica. Obteve o 3º lugar, com a nota 8.6, perdendo para as representantes de São Paulo e Pernambuco. Como resultado do prêmio as músicas vencedoras foram gravadas num LP.

Nesta Instituição fez escola. Ministrava aulas de música aos membros da Filarmônica, principalmente para a leitura das partituras, como a parte prática de manuseio dos instrumentos musicais. Muitos profissionais foram incentivados a seguir a carreira da música.

Tinha um “hobby” era reunir a família para festejar os aniversários, os casamentos, as formaturas, surpreendendo os convidados com a chegada de surpresa da Filarmônica, era uma espécie de “assustado” como se dizia antigamente.

A sua família foi constituída da esposa, Sr.^a Alzira de Oliveira Barreto, exímia costureira e bordadeira, que atendia a uma vasta clientela na cidade, principalmente as madames da alta sociedade feirense; seus sete filhos: Raimundo “Daltinho”, (in memoriam); Ana Nery, professora, 3^a campeã de vôlei no Feira Tênis Clube; Pedro, “Tuca”, comerciante; Antônio Fernando, “Dudu” comerciante; Jnessy, dona de casa; Claudemiro Junior “Beca”, funcionário público e Claudia “Ponesa”. Todos os filhos tocavam instrumentos musicais.

Após a sua aposentadoria criou uma “charanga”, uma espécie de pequena banda, que puxava lavagens da lenha, procissões, o Bando Anunciador, o Bloco Bacalhau na Vara, animava as portas das casas comerciais, etc.

Em 10 de agosto de 1998, Maestro Miro foi homenageado pela Câmara Municipal de Feira de Santana, que lhe outorgou a Comenda Maestro Tertuliano Ferreira dos Santos, num reconhecimento justo da sua dedicação e dos serviços prestados à cultura de Feira de Santana, além de receber várias medalhas e troféus como prêmio à frente da maestria da Filarmônica 25 de Março.

Foi inaugurado no dia 05 de março de 2004 o Centro de Cultura Maestro Miro, no governo de José Ronaldo de Carvalho. Após uma votação realizada pela classe de artistas e músicos foi eleito por unanimidade o seu nome para denominar este equipamento cultural.

Faleceu no dia 23 de setembro de 2002, aos 84 anos de idade e seu corpo jaz no Cemitério Piedade, em Feira de Santana.

Um homem simples, mas deixou um legado: a coragem de vencer os obstáculos, a despeito de tantas adversidades que encontrou na sua trajetória de vida.

MUSEU MUNICIPAL PARQUE DO SABER DIVAL DA SILVA PITOMBO

Situado na Rua Tupinambás, nº 275 – São João

Criado sob o Decreto 7630, de 14 de novembro de 2008. Inaugurado, no dia 15 de dezembro de 2008, pelo Prefeito José Ronaldo de Carvalho, Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Euclides Artur Costa Andrade, Diretor de Difusão Científica, Basílio Fernandez e Fernandez, o qual permanece até os dias de hoje; Diretor da Fundação Cultural Municipal Egberto Tavares Costa, Augusto Cezar Pereira Orrico.

Atualmente integrado à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, (2013/2020).

DIVAL DA SILVA PITOMBO



Nasceu em Feira de Santana, no dia 07 de julho de 1915. Filho de Joaquim Inácio Pitombo e Julieta da Silva Pitombo.

Fez o curso primário com as Professoras Isaura Paiva e Ubaldina Régis. Coursou o ginásio no Colégio Ernesto Carneiro Ribeiro, em Salvador. Diplomou-se em Odontologia pela UFBA, exercendo a clínica por algum tempo, mas dedicou-se com afinco ao Magistério.

Foi professor catedrático de História, do Colégio Santanópolis, Colégio Estadual, Escola Normal Rural de Feira de Santana, hoje Instituto Educacional Gastão Guimarães, sendo nomeado, no dia 13 de maio de 1955, como diretor, o qual foi o primeiro feirense a exercer este cargo, durante 21 anos, estendendo-se até 1976.

Exerceu vários outros cargos na sociedade feirense, tais como: diretor do Museu Regional, hoje Museu de Arte Contemporânea, onde foi responsável pela preservação e manutenção do seu acervo; fundador da AFA (Associação Feirense de Arte); membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia; da Associação Baiana de Imprensa; do Centro do Nordeste de Artes Plásticas; Conselheiro da Fundação Universitária da UEFS; membro do Conselho Estadual de Cultura, diretor da Vida Universitária e membro fundador da Academia Feirense de Letras, sendo o seu 4º presidente.

Muito contribuiu para o desenvolvimento cultural de Feira de Santana, dedicando toda sua vida em prol da sua cidade, convidando teatrólogos, maestros, músicos, escritores de várias partes do mundo, a exemplo do filósofo francês, Jean Paul Sartre e sua esposa, Simone de Beauvoir, que foram os seus hóspedes mais notáveis a visitar Feira de Santana. Mantinha correspondências com os mais ilustres brasileiros: Dias Gomes, Carlos Drummond de Andrade, Juscelino Kubitschek, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Manuel Bandeira e o ex-ministro, Eduardo Portella, que é também feirense e intelectual.

Tem trabalhos publicados sobre Literatura, História, Arte e Educação. Colaborou como articulista, em jornais locais, de Salvador, do Rio de Janeiro e revistas estrangeiras. Fez pronunciamentos em muitas conferências e palestras sob temas culturais e educacionais. Prefaciou muitos livros de escritores feirenses e apresentou outros tantos catálogos de pintores estreados e lutou incessantemente pela manutenção do Seminário de Música.

Como membro do Conselho Estadual da Cultura foi condecorado pelo também feirense, Dr. Edivaldo Machado Boaventura, quando Secretário da Educação e Cultura da Bahia, outorgando-lhe a “Medalha do Mérito Cultural Castro Alves”, a qual é criteriosamente concedida àqueles que tenham prestado relevantes serviços à educação.

Escreveu um livro de poesia “*Litania para o Tempo e a Esperança*”, em 1984, prefaciado por outro grande vate feirense, Godofredo Filho, que deixou transcrito o seu parecer sobre Dival Pitombo: “Poeta é o que faz, e de tal maneira se comporta Dival Pitombo na trama dos poemas, que sua mensagem, quando liberta do prazer carnívoro de certos adjetivos é das mais ponderáveis no

contexto versilibrista, sobre o fascinante chamariz do título que condensa o sentido da sua poesia”.

Vários dos seus poemas foram traduzidos em italiano por Mercedes La Valle, publicados em Roma, em Il Torchio, órgão oficial da Academia Cultural da Europa e em espanhol por Marta Casablanca, em Rosário, na Argentina.

Foi o autor da letra do “Hino ao Gastão Guimarães”.

Deixou um romance inédito intitulado “Beco do Mocó”.

Para comemorar o seu centenário a Fundação Municipal Egberto Costa, a Academia de Letras e Artes, a Academia Feirense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana organizaram um evento, a fim de imortalizar este cidadão feirense que deixou a sua marca de amor, de incentivo cultural, de dedicação à educação e preservação do patrimônio histórico e cultural da nossa cidade.

Mais do que justo homenagear o patrono que denomina este Museu para perpetuar seu nome e seus feitos em prol da cultura feirense.

Faleceu no dia 31 de julho de 1989.

Um dos seus poemas que mais o identificou foi:

OS FLAMBOYANTS ESTÃO FLORIDOS

A chama vegetal
Devorando o verde.
Orgia rubra
Agredindo a paz deste crepúsculo.
Poinciana regia.
Flor do paraíso.
Labaredas de sol
Crestando ninhos.

Os flamboyants estão floridos.
Verde escarlate
Mais escarlate que verde.
É como um incêndio no mar!

Na multidão indiferente
Apenas a criança olha.
Os flamboyants são para os pássaros
E as crianças.

Homens práticos

Parai vossos computadores.
Mágicos poetas
Sacerdotes
Homens públicos
e mulheres publicadas.
Vagabundos
Viciados ladrões
E lânguidas prostitutas
Que investis na noite
O ouro das vossas vidas
Esquecei por um instante
A vossa loucura.
E correi, de mãos dadas
Para a praça.
Vinde olhar o céu
Que há um jardim de fogo
Plantado no azul.

Os flamboyants estão floridos!

FUNDAÇÃO CULTURAL MUNICIPAL

Criada sob a Lei nº 2.592, de 07/07/2005, tendo como prefeito José Ronaldo de Carvalho; Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Dr. Antônio Mauricio Santana de Carvalho, ocupando a sua diretoria, no período da inauguração. Com a nomenclatura de Fundação Cultural Municipal Egberto Tavares Costa. Foi substituído por Augusto Cezar Pereira Orrico.

A Lei nº 3.427, de 05 de dezembro de 2013, substitui a Lei nº 2.5092 e cria a Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, ainda na gestão de José Ronaldo de Carvalho, Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Sr. Jailton Batista dos Santos.



EGBERTO TAVARES COSTA

Nasceu em Tanquinho/BA, no dia 25 de setembro de 1945. Filho de Manoel Ribeiro Costa e Prof.^a Bernadete Tavares Costa.

Licenciado em Estudos Sociais pela Faculdade Estadual de Educação.

Ministrou aulas de História, Geografia e Estudos Sociais no Colégio Estadual e no Colégio Estadual Agostinho Fróes da Motta.

Como jornalista foi fundador, superintendente e editor do Jornal Feira Hoje, repórter do “Diário de Notícias”, redator do “Jornal Situação”, correspondente dos jornais “IC Shopping News” e “Tribuna da Bahia”, editor da “Revista Panorama da Bahia”, do “Jornal Gazeta

Feirense” e das publicações: “Rodentada”, “Endogastro Científico” e “Folha Cultural”.

Foi noticiarista da Rádio Cultura AM e Antares FM; chefe da Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal, assessor de imprensa do Clube de Campo Cajueiro, do Colégio Leonardo Da Vinci e da casa de eventos Estação da Música e do então deputado estadual José Ronaldo de Carvalho.

Publicou os livros: “50 Anos de Rotary Clube de Feira de Santana”, em 1991; “Memória Fotográfica de Feira de Santana”, da Fundação Cultural de Feira de Santana, em 1994 e “Caminhando & Servindo”, em 2001.

Era sócio do Rotary Clube de Feira de Santana, tendo exercido sua presidência no ano rotário 1983 e 1984. Fez teatro amador e manteve coluna em jornais sobre as artes cênicas. Fundou o Banco de Olhos de Feira de Santana e a Fundação Comendador Jonathas Telles de Carvalho. Foi diretor do Clube de Campo Cajueiro e diretor executivo da Associação Feirense de Assistência Social – AFAS.

Foi homenageado com seu nome em logradouro (Praça no Conjunto Wilson Falcão), unidade de ensino (Biblioteca do Ginásio Municipal Joselito Amorim), prédio público (instalações da ASCOM, na Câmara Municipal) e entidade cultural (Fundação Cultural Municipal).

Faleceu tragicamente, no dia 23 de maio de 2002.

TEATRO MUNICIPAL MARGARIDA RIBEIRO

Situado na Rua Cel. José Pereira Mascarenhas

O Teatro Municipal, adaptado a partir do Auditório Yêda Barradas Carneiro, do Colégio Monteiro Lobato foi inaugurado no dia 07 de janeiro de 1983, no governo de José Raimundo Pereira de Azevedo; Secretário Municipal de Turismo, Luciano Cunha; Arquiteto Raimundo Pires – Diretor do E.P.I.; Lodtone Borges de Souza – Arquiteto. No ato inaugural foi apresentado um show com o artista feirense, Carlos Pitta, intitulado Coração de Índio, acompanhado do conjunto “Casa das Flautas” e participação do cantor Timbaúba.

Sua 1ª. Diretora foi a atriz Neide Sampaio Oliveira e Vice-diretora, Maria de Lourdes Guimarães Barreto, “Luluda Barreto”. (1983 – 1988).

Reinaugurado em, 25 de setembro de 2008, no governo de José Ronaldo. Reformado em 18 de junho de 2015, no governo de José Ronaldo de Carvalho, tendo como diretora, Maria de Lourdes Guimarães, quando encenou a peça “*Abafabanca uma Delícia de Comédia*”.

MARIA MARGARIDA RIBEIRO SANTOS



Nasceu em Ajustina/BA, no dia 19 de novembro de 1950. Filha de João Reis Santos e Maria Pureza Santos.

Seus pais residiram em Cícero Dantas/BA onde fez os seus primeiros estudos escolares. Vieram para Feira de Santana, em 1962. Aqui Margarida estudou no Colégio Joselito Amorim, na década de 60, concluindo o ginásio.

Formou-se em Magistério pelo Instituto Educacional Gastão Guimarães.

Prestou vestibular para o Curso de Direção, na Escola de Teatro da UFBA/Salvador/BA. Desde adolescente mostrava a sua tendência para as artes dramáticas. Ainda estudante participou de peças teatrais, tanto aqui em Feira como em Salvador.

As peças em que ela mais se destacou foram: “*O Boi e o Burro no Caminho de Belém*”, de Maria Clara Machado e a peça “*Natal em Gotham City*”, “*Uma véspera de Reis*”, “*Pinóquio*”, além de outras montagens em Salvador, quando estudava na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Reativou, juntamente com seu mano, Luciano Ribeiro, a SCAFS (Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana) a qual foi fundada pelo grande promotor cultural, Dr. Dival Pitombo.

Atuou no movimento estudantil, tendo participado do XXX Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes).

Faleceu tragicamente num acidente automobilístico, no auge da sua mocidade, na véspera do “Dia das Mães”, no dia 09 de maio de 1970, marcando assim este dia de tristeza, para o resto da vida da sua extremosa mãe.

Mais do que justo este teatro receber o seu nome.

CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA

Situado na Rua Araújo Pinho, nº 1331 – Olhos D'Água

Ocupa a sede da Fazenda Santana dos Olhos D'Água, segundo alguns historiadores, construída no século XVI. Na época, era pousada obrigatória de vaqueiros e tropeiros que cortavam os sertões de outras regiões, tangendo boiadas, para outras paragens e representa um símbolo importante como uma das casas mais antigas de Feira de Santana.

Frente ao casarão foi construída uma espécie de oratório e erguido um cruzeiro, fruto da religiosidade dos seus moradores.

Passou por algumas reformas, devido ao tempo e o desgaste natural dos imóveis antigos. A última família a residir no local, já na terceira geração a “Família Pedra”, transformou-a na Fundação Alfredo da Costa e Almeida Pedra e com isto, conseguiu uma reforma pelo projeto estadual, “Faz Cultura”, patrocinado pela Indústria Pirelli, sediada em Feira de Santana, mantendo a sua estrutura original.

Com um convênio de Cooperação Técnica, firmado em 16 de maio de 2017, entre a Fundação Municipal de Tecnologia da Informação, Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa, (FUNTITEC) e a Fundação Alfredo da Costa e Almeida Pedra foi realizada a segunda reforma, com recursos da Prefeitura de Feira de Santana, gestão 2028/2020.

Neste equipamento estão sediadas: a Academia Feirense de Letras, Academia de Letras e Artes, Academia de Educação, Academia de Ciências e Artes, Academia Regional de Letras Jurídicas; o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana e o Memorial de Maria Quitéria.

A solenidade de abertura do Casarão dos Olhos D'Água se deu no dia 18 de setembro de 2020, coincidentemente quando o município completou 187 anos de emancipação política de Cachoeira. Contou com a presença de autoridades constituídas pelo município, dos presidentes destas instituições acima citadas, do Secretário de Cultura, Esporte e Lazer, Sr. Jairo Alfredo Carneiro Filho, do Diretor de Cultura e Coordenador do Casarão, Sr. Luiz Augusto de Oliveira, de membros das diversas Academias e Instituto, da imprensa escrita e falada.

MARIA QUITÉRIA DE JESUS



Nascida no ano de 1792, no Sítio Licurizeiro, na então Freguesia de São José das Itaporocas, hoje Distrito de Maria Quitéria, aquela que se tornaria uma das mais importantes figuras do processo de Independência do Brasil na Bahia. Era filha de Gonçalo Alves de Almeida e D. Quitéria Maria de Jesus, ficando logo cedo órfã de mãe.

Aos pés da Serra da Agulha, Maria Quitéria cresceu tendo uma formação comum às mulheres do sertão.

Nos idos de 1822, após a Proclamação da Independência do Brasil, em algumas províncias do país, o povo se lançou na luta armada pela completa emancipação em relação a Portugal. Na Bahia, surgiram muitas milícias de grupos de voluntários armados, que resistiam bravamente contra os canhões portugueses. Em busca de aumentar o contingente de “Voluntários da Pátria” saíram muitos emissários, que buscavam no sertão homens para lutar pela independência.

Assim, Maria Quitéria de Jesus conheceu os ideais de nacionalismo e de liberdade. Contagiada, mesmo sem o consentimento de seu pai, partiu para o Recôncavo onde se alistou no Batalhão dos Periquitos sob o nome de “Soldado Medeiros”, sobrenome do cunhado, usando, inclusive, roupas de homem. Foram vários os combates sangrentos que Maria Quitéria participou, só parando de lutar, quando os portugueses deixaram a Bahia, a 2 de julho de 1823.

Em reconhecimento ao seu ato de bravura e amor à Pátria, o Imperador D. Pedro I, em audiência especial, a condecorou tornando-a “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”, além de conceder-lhe

o soldo de Alferes de Linha, como recompensa pelos seus feitos heroicos.

Maria Quitéria teve parentes em Santa Bárbara, o Sr. José Cordeiro de Almeida Brito, proprietário da Fazenda Pindobeira. Morava próximo à Serra da Agulha, perto de Santa Bárbara, onde empregou-se como caixeiro do Cel. José Freire de Lima e foi colega de João Moreira Andrade.

Faleceu no dia 21 de agosto de 1853, em Salvador.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Situado na Rua Geminiano Costa, nº 286 – Centro

Antes funcionou os Currais Modelo, (1938-1943), no governo de Heráclito Dias de Carvalho; Escolas Reunidas Cel. Agostinho Froes da Motta, Colégio Municipal (1963) no governo de Francisco Pinto e Museu Regional de Feira de Santana, criado pelo empresário Assis Chateaubriand, em 1967. Em 1995 a UEFS que administra o Museu Regional, transferiu todo acervo para o CUCA.

O Departamento de Cultura do município dirigido por Juraci Dórea Falcão desenvolveu um projeto visando preservar o espaço histórico, criando o Museu de Arte Contemporânea, sob o Decreto 5.958, de 25 de julho de 1996, que através do Projeto de Lei 147/97, de autoria do então Vereador, Antônio Carlos Daltro Coelho, passou a denominar-se de Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, no governo do Prof. José Raimundo Pereira de Azevêdo; Secretário de Comunicação Social, Manoel Anchieta Nery de Souza, respondendo pela Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer; Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, o Engº Everaldo Marques de Cerqueira.

RAIMUNDO FALCÃO DE OLIVEIRA



Nasceu em Feira de Santana/BA, no dia 24 de abril 1930. Filho de Arsênio de Oliveira e Leolinda Falcão de Oliveira.

Foi aluno da professora Margarida Ribeiro, que o alfabetizou, mas recebeu influência de sua mãe, que era pintora de temática religiosa e o inicia no desenho e na pintura, como também o orienta na religião.

Ingressa no seminário, sob influência materna. Descobre a sua vocação para a pintura. Incentivado pela professora de desenho, expõe pela primeira vez no Ginásio Santanópolis, onde retrata os professores da escola.

Após a conclusão do curso ginásial, em 1947, segue para Salvador, onde faz cursos regulares de pintura com Maria Célia Amado, na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia, e conhece Mario Cravo Júnior e Jenner Augusto.

Ingressa no Seminário do Santa Cura D'Ars, mas deixa-o um mês depois. Pintor, gravador, xilógrafo, desenhista.

Realiza a primeira individual no Hall da Prefeitura de Feira de Santana, em 1951, momento em que se liga a um grupo de artistas independentes, responsável pelos *Cadernos da Bahia*, dedica-se ao estudo de renovação do conceito de artes plásticas baiana.

Reside em São Paulo de 1958 a 1964. Vive no Rio de Janeiro entre 1965 e 1966, mas não se adapta a São Paulo e ao Rio de Janeiro, viaja com frequência a Salvador. Conclui sua principal obra, o segundo álbum do artista, "Via Crucis", constituída de 20 peças, publicadas pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, em 1982.

Em 1966, é editado álbum de *Xilogravuras*, com prefácio de Jorge Amado, pela Galeria Bonino e pela Petite Galeria

Em, 18 de janeiro de 1966, faleceu tragicamente e neste mesmo ano é editada a *Pequena Bíblia de Raimundo de Oliveira*.

Em 1982, em Salvador/ BA é inaugurada a Galeria Raimundo de Oliveira, no Instituto Mauá.

BIBLIOTECA DO DISTRITO DE HUMILDES

Situada na Rua São Salvador, S/N – Distrito de Humildes

Inaugurada no dia 18 de maio de 2007, pelo Prefeito José Ronaldo de Carvalho, sendo o Secretário de Cultura, Esporte e Lazer, Dr. Antônio Maurício de Carvalho; o Diretor-presidente da Fundação Cultural Municipal Egberto Costa, na época, Augusto Cesar Pereira Orrico; a Chefe de Divisão de Biblioteca, da Fundação Cultural Egberto Costa, Esteares Rosa da Silva.

Hoje está integrado à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC (2013/2020).

MANOEL PEREIRA PIMENTA



Nasceu em Salvador/BA, no bairro do Tororó, no dia 22 de fevereiro de 1903. Filho de Manuel Pereira Pimenta e D. Luzia Maria da Piedade.

Em Salvador concluiu o Ensino Médio e trabalhou na Gráfica do Convento de Santa Clara do Desterro, em Nazaré. Fundado em 1677, por Monjas Clarissas, vindas de Portugal. Exerceu a profissão de enfermeiro no Hospital das Clínicas, como também foi jogador de futebol do Clube Ipiranga, no Campo da Graça.

Aos 19 anos de idade mudou-se para o distrito de Humildes, onde exerceu a função de Auxiliar de Escrivão, como serventuário da Justiça e mantinha seu escritório numa das dependências da sua residência. Foi nomeado por Brasília como Escrivão Oficial e exerceu outras atividades por 40 anos, tais como: Juiz de Paz, celebrava casamentos, assinava documentos (certidão de nascimento, casamento, óbitos, entre outros). Além do mais atuava como enfermeiro: aplicava injeção, receitava medicamentos, fazia

pequenos procedimentos cirúrgicos com o bisturi (extirpava furúnculos, bicho do pé, etc.).

Foi casado duas vezes. Nas primeiras núpcias teve os filhos: Ernani, Rejilda, Renato, Humberto, Elaine, Aurivaldo, Luís, Maria da Conceição, Marisa, Antônio, Cleonice e Isabel.

Do segundo casamento com a Sr.^a Antímia Ribeiro Pimenta com a qual teve 9 filhos, os quais são: Sílvio, Maria das Graças, Reginaldo, Odenir, Sílvia, Cesar, José Roque, Raimundo e Luzia.

Era um cidadão muito generoso. Nos meses de junho e dezembro, anualmente, comprava lençóis e cobertores para oferecer às pessoas carentes, por isto era muito querido e prestigiado.

Mantinha a casa cheia, não só com os filhos como também com os agregados e amigos.

Era um leitor compulsivo. Gostava de ler para ficar informado das atualidades.

Faleceu no dia 12 de fevereiro de 1983, onde seu corpo jaz no Cemitério local de Humildes. Deixou esposa, 21 filhos, 86 netos e 201 bisnetos.

BIBLIOTECA DO DISTRITO DE MARIA QUITÉRIA

Situada na Praça da Matriz, S/N – Distrito de Maria Quitéria

Inaugurada, no dia 13 de fevereiro de 2005, no governo de José Ronaldo de Carvalho e o Secretário Municipal de Cultura Esporte e Lazer, Dr. Antônio Maurício Santana de Carvalho.

Hoje está integrada à Fundação Municipal de Tecnologia da Informação Telecomunicações e Cultura Egberto Tavares Costa – FUNTITEC, (2013/2020).

RAQUEL DE FREITAS ARAÚJO



Nasceu na Fazenda Cuba, em São Vivente, hoje Tiquaruçu, distrito de Feira de Santana, no dia 03 de fevereiro de 1936. Filha de Melquisedeque Pereira Araújo e D. Francisca de Freitas Araújo.

Passou sua infância na Fazenda Candéal, em Maria Quitéria, residindo com a tia Paula Alves de Freitas. Estudou com a Prof.^a Ester Alves de Freitas numa casa adaptada à sala de aula. Sem o recurso da energia elétrica estudava sob a luz de cata-vento.

Desde cedo alimentou a ideia de ser professora e foi contratada como professora leiga, pelo Prefeito Arnold Ferreira da Silva, que um ano depois foi nomeada, em 1961.

Andava 11 km todos os dias, quer chovesse ou fizesse sol, sem faltar um dia, para ensinar classes numerosas e multisseriadas. Na época de chuva atravessava o Riacho Sangria da Lagoa Velha com água no joelho.

Fez um curso intensivo da APROL, com duração de 13 meses, em Cipó/BA que lhe capacitou a ser nomeada como professora efetiva. Curso este promovido pela Secretaria Municipal de

Educação, quando Prof. José Raimundo Pereira de Azevêdo era o Secretário Municipal de Educação.

Ensinou também o Mobral, sendo a primeira professora a ministrar este curso, de 1968 a 1970.

Em 1967, foi transferida para a sede do distrito e lecionou na Escola Machado de Assis (extinta); Escola Municipal José Tavares, onde exerceu o cargo de Assistente de Direção; na Escola Municipal Francisco Martins, como Vice-diretora, onde se aposentou, em 1990, passando 30 anos servindo à educação.

Professora Raquel não se casou, mas diz ela: “*Não me arrependi de não ter casado*”. Criou filhos pelo coração: irmãos e sobrinhos.

Sempre viveu com familiares: seu irmão Agnelo de Freitas Almeida e sua cunhada, Prof.^a Raulinda Reis Almeida.

Aproveitou muitas oportunidades para conhecer outros estados e cidades: Brasília, Belo Horizonte, Recife, São Paulo, Aracaju, Natal e Rio de Janeiro.

Seu “hobby” além da leitura e versejar fazia bordados à mão e peças em crochê. Tem uma coletânea de versos de cordel, principalmente para festejar o “Dia das Crianças”, “Natal” e outras festividades escolares.

Prof.^a Raquel nos seus 83 anos bem vividos, de uma memória prodigiosa, quando foi realizada esta entrevista demonstrou a sua lucidez, descrevendo com pormenores toda sua trajetória de vida, como se estivesse vivendo no momento, como uma sessão de memória.

REFERÊNCIAS

- Acervo fotográfico de Basílio Fernandez e Fernandez
- Acervo fotográfico de Lélia Vitor Fernandes de Oliveira
- Acervo fotográfico de Manoel Lopes Machado
- ALMEIDA, Oscar Damião de. *“Dicionário da Feira de Santana”* - 2006
- COSTA, Egberto Tavares. *“Estrada do Tempo”*. Madalena de Jesus. 2005
- Diário Oficial Eletrônico – Ano VI – Edição 1454 – Data 23/09/2020
- Discurso de Lélia Vitor Fernandes sobre Maria Quitéria
- Discurso de José Raimundo Pereira de Azevêdo
- GAMA, Raimundo Gonçalves. *“Intendentes e Prefeitos de Feira de Santana”*. 2017
- Jornal Feira Hoje – de 01/01/1983
- Jornal Feira Hoje – de 07/01/1983
- Jornal Feira Hoje - de 09/-1/1983
- Jornal Grande Bahia – 26/09/2018
- Leis Municipais – Lei nº 931, de 29 de novembro de 1983
- Leis Municipais – Lei nº 1583, de 26 de agosto de 1992
- LIMA, Geraldo – *“O Teatro em Feira de Santana”* - 2015
- OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *“Mulheres que Deixaram Marcas”* – 2002
- *“Homens que Fizeram História”* – 2004
- *“Secretários Municipais de Educação – Biografias”* - 2004
- *“Legisladores Feirenses”* - 2014
- OLIVEIRA, Raimundo – *“A Via Crucis”* – Fundação Cultural do Estado - 1982

https://wikipedia.org/wiki/Nelson_goncalves - A Wikipédia A
Enciclopédia Livre

INFORMANTES:

Ailton Pitombo

Agnelo de Freitas Almeida

Basílio Fernandez e Fernandez

Claudio Pimenta Pontes

Diógenes de Carvalho Nunes

Edy de Almeida Pedra

José Raimundo Pereira de Azevêdo

Luiz Augusto de Oliveira

Maria de Lourdes Guimarães Barreto

Neide Sampaio Oliveira

Raquel de Freitas Araújo

Raulinda Reis Almeida

ANEXOS

**PORTARIA OFICIAL PARA INSTITUIÇÃO DA COMISSÃO
PERMANENTE DE ESTUDO E LEVANTAMENTO HISTÓRICO E
CULTURAL DOS PATRONOS NOMINANDOS NOS
EQUIPAMENTOS PATRIMONIAIS IMOBILIZADOS À FUNTITEC.**

DISCURSOS

DEPOIMENTO DE LÉLIA VITOR FERNANDES DE OLIVEIRA SOBRE DR. DIVAL DA SILVA PITOMBO

Conheci Dr. Dival Pitombo, nos idos de 1962, quando aluna do Curso Pedagógico, no Instituto de Educação Gastão Guimarães. A sua postura era notada por todos. De um porte elegante e passadas firmes percorria os corredores do Colégio e tinha uma saudação afável e sorridente a tantos quanto encontrava.

Os seus discursos nas solenidades cívico-sociais arrebatavam a atenção dos seus ouvintes. Usava palavras sábias, carregadas de emoção e imagens, que davam um brilho especial na sua oratória.

Nos desfiles de 7 de Setembro, à frente do pelotão de bandeiras, sob os ribombos da Banda Marcial, desfilava num garbo, como exemplo de patriotismo e exercício da cidadania. Não só ele, como diretor do Colégio, mas todos os seus professores e funcionários.

Tive também a oportunidade de acompanhar a sua carreira cultural, a partir da criação do Museu Regional de Feira de Santana, hoje Museu de Arte Contemporânea, assistindo a sua inauguração, contando com a presença de Assis Chateaubriand, época de efervescência cultural na cidade, juntamente com uma plêiade de intelectuais feirenses, tais como: Godofredo Filho, Aloísio Resende, Georgina Erismann, Eurico Boaventura e outros.

Através dos anais da Academia Feirense de Letras ficaram registradas a sua atuação, como presidente desse sodalício, que na época, por sua influência e maneira gentil de conquistar amizades, arrebanhou muitos acadêmicos para enfileirar na sua membresia, como: Benjamim Batista, Djalma Gomes, Evandro Cardoso...

Dr. Dival era um amante das artes, da música e da literatura. Participava ativamente dos momentos culturais da cidade, não só

como ouvinte, mas sempre achava oportunidade para trazer a sua palavra de entusiasmo e incentivo à cultura. Não foi sem razão que Dr. Edivaldo Boaventura, quando então Secretário de Educação do Estado, outorgou-lhe a Medalha de Mérito Cultural Castro Alves, honraria mais do que merecida.

Um cidadão com o olhar horizontal, via e entendia o mundo como uma fonte de alegria é o que exterioriza nos seus versos:

“ Nesta manhã de dezembro
Eu te agradeço, Senhor, por não estar só.
Está comigo a alegria que me deste
No próprio dia em que nasci.
Com ela eu vi e compreendi
O mundo que criaste”

Dr. Dival Pitombo deixou as suas pegadas, para nós, os seus confrades das Academias: Feirense de Letras e de Letras e Artes de Feira de Santana e a todos que amam a cultura de nossa cidade.

Feira de Santana, 28 de julho de 2003

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira

Membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana

DISCURSO PROFERIDO POR LÉLIA VITOR FERNANDES DE OLIVEIRA

MARIA QUITÉRIA DE JESUS

Como sua biógrafa no livro “Mulheres que Deixaram Marcas” registrei alguns dados pessoais do perfil da laureada.

Descobri nos vários textos pesquisados, que há muitas interrogações e dúvidas sobre a sua vida pessoal, como: o lugar em que ela nasceu: Feira de Santana, Vila de N. S. do Rosário do Porto de Cachoeira, Tanquinho, (Justiniano Bastos) Jaguará, Tiquaruçu, Salvador); a data do seu nascimento, (27 de julho de 1792 ou 27 de julho de 1798) o porquê da sua ida à Cachoeira para se alistar, (patriotismo ou romantismo); a idade que ela se alistou, (24 ou 30 anos) etc. Não quero mexer com estes pormenores, porque hoje é perigoso dar informações erradas sobre a identidade das pessoas.

Contudo, segundo o historiador Pereira Reis Junior, Maria Quitéria de Jesus nasceu no Sítio do Licurizeiro, filha de Gonçalo Alves de Almeida e D. Quitéria Maria de Jesus. No seu batistério registra o dia 27 de julho de 1798 o dia do seu batismo, na Capela de São Vicente. (Existe uma placa na Igreja de Tiquaruçu).

Ficou órfã de mãe na sua pré-adolescência e não se compatibilizou com as suas madrastas. Seu Gonçalo casou-se mais duas vezes.

Tornou-se uma jovem destemida: caçava com armas de fogo, montava a cavalo em pelo, além dos afazeres domésticos, atividades rurais na plantação de algodão e cuidado com o gado, com isto ela não aprendeu a ler nem escrever.

Com os rumores das lutas pela Independência do Brasil na Bahia, Maria Quitéria foi informada pelos tropeiros que caminhavam pelas estradas de São José das Itaporocas, bem como de seu cunhado José Cordeiro de Medeiros, que sempre ia à Cachoeira.

Eis que seu pai recebe a visita de um emissário da Junta do Governo que convocava jovens para se alistar no batalhão, sediado em Cachoeira. O jovem pernoita na Fazenda Serra da Agulha e Maria

Quitéria pede ao pai para se alistar. Ele lhe responde: ... *“as mulheres nasceram para fiar, tecer, bordar e não vão à guerra.”*

Mais que depressa ela se alia à sua irmã Teresa, que corta-lhe os cabelos e lhe empresta uma roupa do seu esposo e vai com o cunhado para Cachoeira, que ainda lhe empresta o sobrenome de Medeiros, o qual ela depois de ser aceita pelo Batalhão passou a ser chamada de Soldado Medeiros.

Enquanto Maria vê realizado o seu desejo, seu pai a procura por toda parte e lembrando da sua petição de ir se alistar, ele parte para Cachoeira, que a encontrando tentou persuadi-la para retornar à casa, mas ela não cede aos reclames do pai e fica firme para defender a sua pátria e ele a amaldiçoa.

Combateu veementemente na barra do Paraguaçu, Pituba, Itapuã e garante por alguns dias a Cachoeira e Ilha de Maré.

E no dia 02 de julho de 1823, em meio ao rufar dos tambores a tropa marcha em direção ao Terreiro de Jesus, onde o Exército Pacificador é ovacionado pelos baianos, transpondo um arco de flores das irmãs Soledade.

No dia 29 de julho, Maria Quitéria deixa a Bahia e parte para o Rio de Janeiro, a fim de ter uma audiência com o Imperador D. Pedro I, que a condecora com a insígnia de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”, concedendo-lhe o soldo de Alferes de Linha.

Maria Quitéria ainda aproveita e solicita ao Imperador que lhe encaminhe uma carta para apresentar a seu pai, pedindo-lhe perdão por ter abandonado o lar em defesa da pátria.

Retorna a sua terra natal, é perdoada pelo pai, encontra-se com o ex-noivo, Gabriel Pereira de Brito, contrai matrimônio e com ele tem uma filha: Luiza Maria da Conceição.

Fica viúva e retorna a Salvador com sua filha e reside no distrito de Santana, que tendo ficado cega e com problemas no fígado, morre no dia 21 de agosto de 1853, aos 61 anos, em verdadeiro anonimato e indignidade. Enterrada na Freguesia de Santana do Sacramento da Bahia (atual Igreja do Santíssimo Sacramento de Sant’Ana), situada no bairro de Nazaré, em Salvador.

Com este pequeno relato da sua história, embora tivesse ficado na obscuridade, nos seus últimos momentos de vida recebeu muitas homenagens.

Vejamos algumas delas:

- **Logradouros públicos e instituições:** distrito rebatizado pela Lei de 19/12/1934, Avenida, Paço Municipal, Escolas em Feira de Santana, Salvador, Camaçari...;

- **Estatueta na (Câmara de Vereadores) monumentos:** projeto do arquiteto Luiz Humberto de Souza Carvalho, desenhada pelo também arquiteto, Juracy Dórea, doado à Prefeitura pelo Rotary Clube de Feira de Santana, na Av. Getúlio Vargas com Av. Maria Quitéria; no distrito de Maria Quitéria; **estátua** de bronze, inaugurada, em 21 de agosto de 1953, no largo da Soledade, em Salvador.

- **Quadros - (painel de Lênio Braga na Rodoviária de Feira de Santana) telas:** Tela à óleo de D. Failutti do Museu Paulista/ S/P; **tela de Prisciliano Silva, no Museu Ipiranga/S/P** de (Raimundo Falcão de Oliveira, no centenário de Maria Quitéria, que está afixada no gabinete do prefeito; a de Augustus Earle, na Coleção Nan Kivell de Câmbra) **banners, fotos, postais, selos.**

- **Comenda Maria Quitéria** - Resolução, na conformidade do Art. 78, §2º, item IX da Lei 3.531, de 10 de novembro de 1976, da Câmara de Vereadores de Feira de Santana e Comenda da Câmara de Vereadores de Salvador.

- **Reportagens, artigos,** (Arnold Silva, Epístola a Maria Quitéria de Alonso de Miravel) **monografias...**

- **Revistas** – Grandes Personagens da Nossa História, O livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, Neon

- **Revistas em quadrinhos** – Maria Quitéria, a Injustiçada, de Eduardo Kruschewsky

- **Cordel** – **Dos índios Payayás saiu Maria Quitéria, a Heroína da Bahia e Trovas a Maria Quitéria** de Franklin Machado; **Maria Quitéria: A Heroína da Independência** de Patrícia Oliveira da Silva e Jurivaldo Alves da Silva;

- **Livros:** **Honra e Glória a Maria Quitéria** de Osvaldo Sales, **Maria Quitéria** de Pereira Reis Junior, **Mimo Literário a Maria Quitéria** de Ramos Feirense, **Biografia de Maria Quitéria de Jesus** de Fernando Alves, **Heroínas Baianas** de Bernardino de Souza, **Aspectos do 2 de Julho, Baianos Ilustres** de Antônio Loureiro de Souza, **Mulheres que Deixaram Marcas**, de Lélia Vitor

Fernandes de Oliveira, **São José das Itapororocas** de Antonio Moreira Ferreira; **O Soldado que não era** de Joel Rufino dos Santos; **A Guerreira da Lapinha** de Elieser Cesar; **Quitéria e o Bando de Cleonice** de Alberto Peixoto...

- **Depoimentos:** Diário de uma viagem da jornalista inglesa Maria Graham, Maria de Lourdes Malafaia, Clarice Rosa de Souza, Arquivo particular do Mons. Renato Andrade Galvão.

- **Cadeira acadêmica:** a Cadeira nº 27 da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana, ocupada pela escritora Maria Betânia Knoedt Andrade.

- **Texto teatral:** “Maria Quitéria”, de autoria do teatrólogo Davi Cenzia e adaptação musical de Deolindo Checcucci.

- **Poemas** – de Castro Alves, Ramos Feirense, Antônio Lopes, Franklin Dórea, Nicolau dos Santos Titara, Álvaro Reis, Arlindo Rosa, Franklin Machado

- **Hinos a Maria Quitéria:** Ramos Feirense, Arthur de Sales, Hercília Gomes, Major Braz Francisco de Assis Moreira, Célia Zaiin.

- **Música:** “Moreninha” de Georgina de Melo Erismann; “Maria Mulher” de Cezinha dos Olhos d’Água

- **Discursos:** Prof.^a Edith Mendes da Gama e Abreu – A Mulher na Independência da Bahia, no IGHBA no seu centenário de morte

- Nas comemorações do Centenário de morte de Maria Quitéria, em 1953, temos informações que o filatelista José Olympio da Silva, “Juca Silva” promoveu a confecção do selo comemorativo, uma folhinha, envelope e carimbo e no Sesquicentenário de morte de Maria Quitéria foi elaborado o **Carimbo** pela Câmara Municipal.

- **Biografias:** Consuelo Pondé de Sena, Osvaldo de Sales Gonçalves, Manoel Pereira Reis Jr., Bernardino José de Souza, Antônio Moreira Ferreira, Edith Mendes da Gama e Abreu, Jorge Calmon, Arnold Silva, Edivaldo Boaventura, Felinto Bastos, Fernando Alves, Joaquim Gouveia, Dimas Oliveira, João Francisco de Lima, Antônio Raymundo Pinto, Oscar Damião de Almeida, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, Hugo Navarro da Silva, Gastão Sampaio, Rolli Popino, Hélio Pólvora, José Luís Pólvora.

- **Palestras:** – Cid Teixeira, Franklin Machado, Hugo Navarro, Eduardo Kruschewsky, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, Edivaldo Machado Boaventura.

- **Decreto Presidencial** – É Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro, de acordo com o Dec. Pres. de 28 de junho de 1996, sancionado pelo presidente da República, Dr. Fernando Henrique Cardoso.

- **Patrono da Polícia Militar da Bahia**

- **Placa:** na Igreja Matriz de São Vicente, do distrito de Tiquaruçu, referente ao batismo de Maria Quitéria, assinada em abril de 1960, de autoria do Vereador Antônio Manoel de Araújo.

- **Souvenires** – bonecas estilizadas

Um sonho acalentado por muitos feirenses é a implantação de um Museu em homenagem à mulher guerreira, Maria Quitéria tais como Dr. Edivaldo Boaventura, que foi o autor da proposição da criação do Parque Histórico de Castro Alves, em Cabaceiras do Paraguaçu e o Parque Estadual de Canudos, que daria também a este empreendimento esta nomenclatura, ao invés de Museu, por ser mais abrangente.

Outra sugestão é a do Prof. Joselito Amorim, um cidadão devotado à sua terra natal, que inclusive nos informou que a Prefeitura adquiriu umas terras nas imediações da extinta Lagoa do São José, ampliando a área municipal, quando prefeito desta cidade, entre 1965 a 1967 e que o documento se encontra no Cartório de Antônio Manoel de Araújo, que serviria para este fim.

Fui membro da Comissão para planejamento das comemorações, por ocasião do Sesquicentenário de morte de Maria Quitéria, convocada pela Casa da Cidadania, pelo então presidente da Câmara, o Sr. Antônio Carlos Daltro Coelho, no ano de 2003. Foram muitos os eventos realizados nesta data: palestras, desfiles cívicos, exposição, entronização do retrato de Maria Quitéria, no plenário da Câmara, lançamento do Carimbo Comemorativo, missa solene, condecoração da Comenda Maria Quitéria ao Arcebispo D. Itamar Vian, premiação do Concurso Literário “Maria Quitéria, a heroína feirense” e outorga de medalhas à comissão organizadora.

Então, visto esta relação temos o que recolher para criar o museu, para que a memória da nossa heroína seja imortalizada e os

seus feitos não sejam alijados, guardando os objetos materiais ou imateriais, para que os nossos conterrâneos tomem conhecimento.

E assim, senhores se depender de tudo isto que foi arrolado, em pouco tempo estaremos realizando a inauguração do Museu Municipal de Maria Quitéria ou então com esta nomenclatura Parque Histórico Municipal de Maria Quitéria.

Esta é a minha humilde contribuição e que Deus nos ajude a realizar este sonho.

Obrigada!

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira

IGREJA MATRIZ DE SÃO VICENTE

Nesta lápide se corporifica a referência do povo deste distrito na memória da heroína baiana, Maria Quitéria de Jesus que ao 27 do 12/1798, foi levada, com solenidade à pia batismal desta Igreja.

Homenagem do Vereador Antônio Manoel
de Araújo.

Abril de 1960

- Lápide afixada à Igreja Matriz do distrito de Tiquaruçu, de Feira de Santana

RESOLUÇÃO Nº 112 DE 17 DE OUTUBRO DE 1979

*A Câmara Municipal de Feira de Santana
estabelece normas para a concessão da*

“COMENDA DE MARIA QUITÉRIA”

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu, na qualidade de seu Presidente, promulgo a seguinte Resolução, na conformidade do Art. 78, § 2º, item IX, da Lei 3.531, de 10 de novembro de 1976.

Art. 1º - O Projeto de Resolução, que visa à outorga de Título “*Comenda de Maria Quitéria*”, somente será discutido e votado se apresentado, no mínimo, por 2/3 (dois terços) da Câmara.

Art. 2º - Recebido o Projeto, a Mesa, no prazo de 72 (setenta e duas) horas, constituirá uma comissão especial, que emitirá parecer fundamentado dentro de 15 (quinze) dias.

Art. 3º - Será considerado aprovado o Projeto que obtiver 2/3 (dois terços) de votos favoráveis dos membros da Câmara, de conformidade com o Art. 74, da Lei 3.531, de 10 de novembro de 1976.

Art. 4º - Para que possa ser agraciado com o Título de “*Comenda Maria Quitéria*”, necessário se torna que o beneficiado haja prestado relevante serviço à Comunidade de Feira de Santana, de qualquer natureza.

Art. 5º- Esta Resolução entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 17 de outubro de 1979.

Antônio Carlos Daltro Coelho

Presidente

José Ferreira Pinto

1º Secretário

Roberto Pereira Pitombo

2º Secretário

MONUMENTO À MARIA QUITÉRIA



Avenida Getúlio Vargas com a Avenida Maria Quitéria



Estátua de bronze no Largo da Piedade/Salvador/BA

TEATRO MUNICIPAL MARGARIDA RIBEIRO

Foto Basílio Fernandez



Teatro Margarida Ribeiro (Foto noturna)



Prefeito José Raimundo Azevêdo no ato de inauguração. Foto do Jornal Feira Hoje – 09/01/1983

DISCURSO PROFERIDO PELO PREFEITO JOSÉ RAIMUNDO PEREIRA DE AZEVEDO, NA INAUGURAÇÃO DO TEATRO MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA

Meus senhores e senhoras,

“Nenhum povo pode prescindir de sua cultura. As atividades pertinentes a este campo são as que formam os indivíduos e lhes dão o sentimento político de liberdade. Os governos que representam o povo não podem ter suas administrações apenas voltadas para o tecnicismo, muitas vezes, deformador e alienante”.

Entendendo este princípio é que nós, ao assumirmos a Prefeitura Municipal, já conhecendo a problemática da cultura em nossa cidade, nos preparamos para enfrentá-la.

Sentimos que as dificuldades financeiras eram grandes, mas também sentíamos que não podia mais se prolongar, indefinidamente, a ausência de um teatro em nossa cidade.

Se por um lado, Feira de Santana desenvolveu-se assustadoramente em outros campos, indústrias, boas casas comerciais, bons clubes, boas avenidas e mesmo um desenvolvimento econômico que faz do nosso município o maior do interior da Bahia, “por outro lado, a atividade cultural não acompanhou este desenvolvimento ou para sermos mais sinceros, os poderes públicos não souberam atender aos anseios que os diversos grupos de cultura e mesmo a comunidade reivindicavam.”

É triste constatarmos que Feira de Santana teve um dos mais dinâmicos movimentos teatrais do nosso Estado. Se para aqui se deslocavam atores de Salvador, dos melhores nomes, com peças da mais alta qualidade, montagens também efetuadas aqui em Feira de Santana eram levadas para Salvador e outros centros, recebendo a maior admiração dos que entendem as artes cênicas.

Se fazia teatro nesta cidade em condições mais precárias possíveis, mesmo assim o resultado era dos melhores. Quem não se lembra dos jovens apresentando suas peças de teatro no antigo Cine Santanópolis, nas praças e nas escolas? Apesar da boa vontade de todos, os recursos ao desenvolvimento destas montagens eram precários. Mas prevalecia o idealismo, a força de

vontade em querer fazer teatro em Feira de Santana. Foi na época da Sociedade Cultural e Artística de Feira de Santana –SCAFS, do Movimento de Estudos Teatrais e Artísticos – META, do Teatro Experimental de Feira – TEF e tantos outros grupos, que semeavam os alicerces da cultura. Esta cidade teve assim o seu apogeu. No entanto, o poder público não se sensibilizava para o problema de que uma casa de espetáculos era vital para que estes movimentos progredissem. Do apogeu, descemos à quase ausência do movimento teatral. Os jovens artistas amadores se desiludiram, levados pelo sacrifício excessivo de terem que ensaiar uma peça teatral por tanto tempo e apresentá-la uma só vez, mesmo assim, com dificuldades.

Não foram poucos os jovens que daqui saíram em busca de outros centros maiores, onde pudessem realizar-se plenamente. A comunidade perdia o interesse pelo teatro. Arrefecia-se um dos mais belos movimentos culturais do nosso município. Se acontecia assim na arte teatral, o mesmo se repetia no cinema, na pintura, na música e na literatura. Alguns poucos sobreviveram, graças à obstinação que só o ideal pode explicar.

Governos municipais se sucediam. A cada nova administração, novas promessas, novas esperanças e também novos desalentos. Não se atinava para a verdade de que a cultura traz o humanismo, a cultura transforma as pessoas, a cultura mostra ao homem os caminhos da fé, da esperança e da liberdade.

Foi por entendermos tudo isto que colocamos como meta prioridade um teatro para Feira de Santana. Um governo de apenas oito meses, sem recursos, não podia dar à Feira a casa de espetáculos que ela está a merecer, mas também, a nossa sensibilidade ao assunto não nos deixava, como não nos deixa de valorizar tão importante setor da comunidade. Procuramos fazer o mais prático e o mais rápido, sem perder a qualidade. Convocamos nossos assessores, tivemos no Secretário de Turismo, Recreação e Cultura, Luciano Cunha e seus funcionários a ajuda necessária para a reconstrução e porque não dizer mesmo a construção deste teatro. O que existia aqui era pouca coisa. Nada que se pudesse dizer ou ao menos se pensar que fosse um teatro. Tivemos que fazer tudo. Não poupamos esforços.

Para tanto, contamos com a participação imprescindível e valiosa do E.P.I. na pessoa do seu Coordenador, Raymundo Alves Pires e do arquiteto Lodtone Borges de Souza, aos quais apresentamos nossos agradecimentos.

Agradecimentos que estendemos à empresa construtora e seus funcionários e ao Secretário de Expansão Econômica, Bel. Hércio Almeida, que cuidou do ajardinamento, tornando mais belo o nosso teatro.

Hoje entregamos esta casa a vocês. A vocês, construtores da cultura. A vocês que tanto lutaram e foram incompreendidos, mas, sobretudo, entregamos esta casa à comunidade feirense, fazendo votos de que o que for aqui realizado, as apresentações feitas, as peças de teatro, os shows, os recitais, as exhibições de filmes, as exposições de pintura, sirvam para melhorar, cada vez mais o nível cultural do nosso povo.

Feira de Santana a partir de hoje tem o seu teatro.

Em, 07 de janeiro de 1983

José Raimundo Pereira de Azevêdo



Margarida Ribeiro

CENTRO DE CULTURA MAESTRO MIRO



Ângela Maria de Oliveira Queiroz

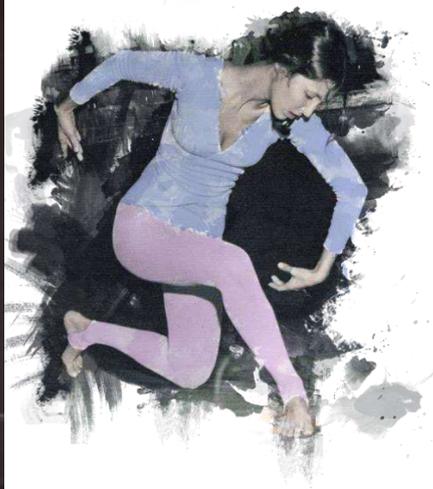


Foto: Carlos Augusto



Centro Cultural Maestro Miro – Luiz Augusto, Miss Bonnie de Beer e Ivoilma Oliveira

CASARÃO DOS OLHOS D' ÁGUA



Casarão em ruínas



Casarão em ruínas



Cruzeiro



Cruzeiro reformado



Em reforma



Em reforma - Foto de Manoel Machado



Casarão dos Olhos D'Água na abertura – 18/09/2020





Ato inaugural do Casarão dos Olhos D' Água



Memorial de Maria Quitéria – Casarão dos Olhos D' Água

BIBLIOTECAS



Biblioteca Municipal. Criada em 16/01/1890



Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva

MUSEU PARQUE DO SABER DR. DIVAL DA SILVA PITOMBO



Planetário

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



Prédio antigo dos Currais Modelo, Escolas Reunidas Agostinho Froes da Motta,
Colégio Municipal



Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira



MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA
ESTADO DA BAHIA

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Inaugurado na gestão do

Prof. JOSÉ RAIMUNDO PEREIRA DE AZEVEDO
Prefeito

Prof. MANOEL ANCHIÊTA NERY DE SOUZA
Secretário de Comunicação Social
Resp. pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer

JURACI DÓREA
Diretor do Dept. de Cultura

Arqt. EVERALDO MARQUES DE CERQUEIRA
Secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente

Em 25 de julho de 1996



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA RAIMUNDO DE OLIVEIRA

10 anos de existência, um marco histórico.

Feira de Santana, 25 de Julho de 2006.

José Ronaldo de Carvalho
Prefeito Municipal

Antonio Maurício Santana de Carvalho
Secretário Municipal de Cultura, Esporte e Lazer

Augusto Cezar Pereira Orrico
Diretor Presidente da Fundação Cultural Municipal Egberto Tavares Costa.

TELAS DE RAIMUNDO DE OLIVEIRA



Painel em azulejo do mausoléu da genitora de Raimundo Oliveira, no Cemitério Piedade



Autorretrato

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA PIMENTA



Antímia e Manoel Pimenta

BIBLIOTECA DE MARIA QUITÉRIA



Biblioteca Municipal Prof.ª Raquel de Freitas Araújo



Foto tirada no dia 20/10/2020 –Basílio Fernandez